

# A INDETERMINAÇÃO DE SENIOR: UM PROGRAMA DE PESQUISA\*

Antonio Maria da Silveira\*\*

*"Exatamente essa que constitui decerto a sabedoria humana (...): em não julgar saber o que de fato não sei."  
Apologia de Sócrates, Platão*

O tema central deste programa de pesquisa pode ser sucintamente colocado nas palavras de Marshall, como citado em Groenewegen (1990, p. xiv):

*A Economia Política raramente responde qualquer questão social, assim como qualquer questão social raramente pode receber respostas independentemente da Economia Política.*

Passo a uma elaboração sucinta, e à formulação a que cheguei depois de um esforço para vincular a matéria à literatura econômica. Existe uma divisão de trabalho nas ciências em geral, qualquer que seja o campo de conhecimento. Tanto em ciências da matéria inerte, quanto nas ciências da vida, ou da sociedade, a passagem do tempo tende a estabelecer uma especialização em, pelo menos, três esferas do saber.

1- O nível de abstração maior da ciência pura ou abstrata, com teorias indiretamente aplicáveis. Como exemplos, Física e Economia Pura ou Abstrata (Teoria Neoclássica da Firma, Teoria do Crescimento). Para este nível, valem as palavras de Senior (1938, p. 3):

*Mas as conclusões dele [do Economista Político], não importando a generalidade ou verdade que encerrem, não o autorizam a adicionar uma simples sílaba de conselho (...) A tarefa do político economista é (...) estabelecer os princípios gerais cuja ignorância seria fatal na condução dos afazeres práticos; não é, contudo, aconselhável, nem talvez praticável, entender tais princípios como guias exclusivos ou, mesmo, como guias mais importantes [nos afazeres práticos]...*

2- O nível de abstração menor da ciência aplicada, com teorias diretamente aplicáveis sob qualificações freqüentemente severas. Como exemplos correspondentes, ciências da engenharia e economia social ou aplicada (Teoria Comportamental da Firma, Teoria do Desenvolvimento Econômico). Para este, tomamos as palavras de Knight (1960, p. 111):

*Para dizer agora um pouco mais sobre o irrealismo da teoria econômica pura (...) Todas as ciências do homem e da sociedade estão envolvidas quando se pressiona mais e mais a questão [da ação social, da escolha pública, e da decisão política] -- particularmente história e, possível e até mais especialmente, ética.*

Knight segue Mill (1877, p. 152):

*Cada arte pressupõe, não uma ciência, mas ciência em geral; ou, pelo menos, muitas ciências distintas.*

---

\* Trata-se de uma versão atualizada da apresentação de meu programa de pesquisa. JEL: B00 Metodologia e História do Pensamento Econômico. Palavras Chaves: Aplicabilidade de Teorias, Realismo, Economia Positiva, Economia Normativa, Economia Pura ou Abstrata, Economia Social e Aplicada, Arte da Economia, Contenda do Método, Vício Ricardiano.

\*\* Professor da EPGE / FGV.

Mill segue Senior (1938, p.3):

*Decidir em cada caso até quando as conclusões do Economista Político devem gerar ações, pertence à arte de governo, arte para qual a Economia Política é apenas uma das muitas Ciências subservientes.*

3- O nível de trato com a realidade da arte da ciência, ou nível profissional. Como exemplos, engenheiro ou economista profissional (assessor de estratégia empresarial, assessor de ministro do planejamento). Para este, continuo nas palavras de Mill (1877, p. 155):

*Ninguém que busque estabelecer proposições para orientação da humanidade pode dispensar, não importando suas realizações científicas, o conhecimento prático sobre as maneiras em que afazeres do mundo são de fato conduzidos, e uma ampla experiência pessoal com idéias, sentimentos, e tendências intelectuais e morais de fato existentes em seu país e em sua própria época.*

Em princípio, ou por definição, especificidades não são captáveis por teoria alguma. Dada a importância que elas tendem a assumir numa ocorrência qualquer do fenômeno social, teorias podem não explicar casos particulares.

O necessário entrelaçamento do saber universal com o específico é ainda parcialmente empreendido pelo meio acadêmico, através da história econômica, incluindo naturalmente a história contemporânea, como em disciplinas de economia brasileira. Schumpeter (1986, p. 812-3) diz magistralmente sobre essa forma de conhecimento:

*Não devemos esquecer que, embora a pesquisa [histórica monográfica], mais o estudo coordenado de seus resultados, nunca venha a produzir teoremas articulados, ela pode realizar, para mentes apropriadamente condicionadas, algo que é muito mais valioso. Ela pode gerar uma mensagem sutil, transmitir um entendimento íntimo dos processos sociais ou especificamente econômicos, um senso de perspectiva histórica ou, se preferem, a coerência orgânica das coisas, cuja formulação é difícil ao extremo, talvez impossível.*

A prática requer ainda opções de valor, além dos juízos de valor implícitos ou explícitos nas próprias teorias. Num exemplo, a política econômica numa opção Brasil-potência, como no recente período do autoritarismo, difere significativamente da política numa opção alternativa de Brasil-humanismo ou, ainda, Brasil-dependentismo.

Atualizando e generalizando os economistas citados, e que se constituem em marcos do desenvolvimento da matéria, formulo a **Indeterminação de Senior** nos termos seguintes:

*As proposições da economia pura, não importando a generalidade ou verdade que encerrem, não autorizam conclusões normativas, mas não podem ser ignoradas. A economia social positiva entrelaça teorias econômicas puras e todas as ciências sociais, mas com relevância variável. Conclusões normativas -- sob a forma do que não pode ser feito -- são deriváveis de proposições da economia social, mas são ainda qualificáveis pelas especificidades de cada caso.*

A indeterminação realça a multiplicidade de formas complementares do conhecimento científico, e aponta as limitações de cada uma delas. A Indeterminação é o que se

encontra inobservado no hábito que Schumpeter (1986, pp. 540, 1171) identificou, e chamou de **Vício Ricardiano**:

*Eles [Senior, Mill e outros] quiseram apenas dizer que as questões de política econômica envolvem sempre tantos elementos não econômicos, que seu tratamento não deve ser feito na base de considerações puramente econômicas (...) poder-se-ia apenas desejar que os economistas daquele (como de qualquer outro) período nunca se esquecessem deste toque de sabedoria -- nunca fossem culpados do Vício Ricardiano (...) O Vício Ricardiano, a saber, o hábito de empilhar uma carga pesada de conclusões práticas sobre uma fundação tênue, que não se lhe iguala, mas que parece, em sua simplicidade, não apenas atrativa, mas também convincente.*

As palavras de Schumpeter, dentro do contexto de acusações contra os economistas no Brasil, e no Mundo, apontam para uma justificativa social do programa de pesquisa<sup>1</sup>. Cabe investigar os males de que são acusados, e buscar soluções. A análise da Indeterminação e do Vício impõe-se assim como questão maior.

Outra justificativa está no entendimento do "atraso" relativo da economia como ciência. Atribui-lo à categoria de "ciência nova" é duvidoso, bastando lembrar que Willian Petty foi veterano de Newton na Royal Society (Hayek, 1975). Atribui-lo à complexidade e à mutabilidade do fenômeno, assim como à natureza semi-experimental do saber, é uma das meias-verdades em análise.

Atribui-lo à inexistência do nível de divisão de trabalho alcançado nas ciências da matéria inerte e da vida, é outra das meias-verdades sob investigação. Aqui, o Vício Ricardiano é indicador da recusa do especialista no reconhecer as limitações de sua especialização.

Faltaria ao economista puro, teórico ou econometrista, o senso científico do físico, teórico ou experimental? Faltaria ao economista profissional o preceito ético do clínico geral, "que não trata de doenças, mas de pacientes"? Faltaria ao público reconhecer a diferença entre o economista puro e o social? A importância da divisão de trabalho para o progresso é, naturalmente, matéria sabida de todos, desde Adam Smith que a deixou bem clara.

As perguntas evocam questões sobre a formação dos economistas, como sobre **cegueira científica** (Kuhn, 1971) e **cientificismo** (Hayek, 1975). A falta de instrução filosófica nos currículos escolares é patente. Evocam questões maiores, como grau de tecnocracia mais acentuado nos economistas, causado talvez por irrecusável **chamamento do dever público**, nas palavras de Schumpeter (1949).

As perguntas evocam também questões éticas, como **comportamento interesseiro**, o qual é possivelmente aguçado pelo fato de constituir-se na premissa em que se fundamenta, em muitos departamentos, todo o ensino da ciência econômica: o Homem Econômico.

---

<sup>1</sup> Grandes literatos escreveram romances que são verdadeiros libelos contra a classe, como *A Vigésima-Quinta Hora*, de Gheorghiu, ou já no século passado, *Hard Times*, de Charles Dickens.

## **LINHAS DE PESQUISA DO PROGRAMA<sup>2</sup>**

**Conexão com a História do Pensamento Econômico.** Uma linha bem acadêmica, fértil e mais acessível para teses de mestrado e monografias de graduação, visa continuar a conexão do tema à literatura econômica.

Um objetivo seria investigar a extensão em que grandes economistas se colocam numa perspectiva compatível com a indeterminação, ou se mostram adictos do vício ricardiano (Lopes 01, Libânio 25). A pesquisa é mais fértil quando focaliza problemas e controvérsias que se dissolvem com o reconhecimento da especialização ou divisão de trabalho acadêmico.

Schumpeter sugere que a indeterminação foi esquecida em virtude do desvio de atenção para o problema de juízos de valor; Cairnes, Sidgwick e Weber o teriam provocado. A questão e os autores constituem-se em temas excelentes de pesquisa, assim como o próprio Ricardo, ou Keynes, casos estes típicos do vício, na avaliação de Schumpeter (Vernengo 05, Amaral 17, Orind 20).

Pesquisas ambiciosas envolveriam, por exemplo, Adam Smith ou um metodólogo maior, Neville Keynes (1904). Hutchison (1981) seria outra alternativa. Os dois últimos escreveram sobre a Contenda do Método, constituindo-se na seqüência natural de Silveira (09).

Quanto a Smith, ocorre-me uma investigação paralela sobre a importância, em sua obra, das "aspirações crescentes" do ser humano. Trata-se de uma dimensão econômica do comportamento, não captada no homem econômico, mas recuperada na unidade analítica da economia comportamental de Simon (1955), o homem administrativo. A ausência desta dimensão na teoria neoclássica (economia pura) limita o entendimento dos processos de crescimento, numa extensão que necessita ser estudada.

**Análise Comparativa entre Economia Pura e Social.** Uma linha que tende a ser mais complexa foi iniciada em Silveira (06), artigo que estabelece paralelo entre uma teoria pura (micro-neoclássica) e outra sócio-econômica (estratégia empresarial) – veja também Garcia Duarte (08, 16).

Um bom problema: o neo-austriaco Lachmann (1973) criticou a macroeconomia em termos do despropositado grau de abstração envolvido. Seria uma teoria pura, se o interpreto no contexto da indeterminação; mas, por estranho que pareça, sua argumentação não pode ser ignorada. Tomando o neo-austriaco Hayek (1975), entretanto, a macro é economia aplicada, além de cientificismo. Para Hicks (1980) por outro lado, a macro é da sócio-economia. O estabelecimento de fundamentos microeconômicos da macro vem, certamente, em suporte de ambos.

Outro projeto excelente seria o estudo da teoria do crescimento como versão pura que evoluiu da teoria sócio-econômica do desenvolvimento -- o marco de separação entre ambas é da década de cinquenta (Blaug 1985, p. 95). Para que se aquilate a importância do estudo, basta uma proposição polêmica: exigir de trabalhos ou programas de mestrado voltados para desenvolvimento a utilização de modelos recentes de

---

<sup>2</sup> As referências que vêm numeradas, e não datadas, encontram-se nas seções "Trabalhos Realizados" e "Trabalhos Orientados".

crescimento, uma postura comum entre economistas puros filosoficamente desinformados, é inviabilizar a pesquisa em desenvolvimento econômico.

**Análise de Revoluções Científicas na Economia.** O dissenso entre economistas é consenso folclórico, encontrando causas aventadas em, por exemplo, Schumpeter (1949) e Robinson (1983), e evidências empíricas corroboradoras, como em Frey et alii (1984). Ao conflito paradigmático no interior de cada escola de pensamento, como entre físicos durante as revoluções, acrescenta-se o conflito entre escolas, particularmente quando diferenciadas pelo nível de abstração do conhecimento. Tem-se um vastíssimo campo de pesquisa (Silveira 02, 03).

**Filosofia da Ciência.** A conexão com a filosofia geral da ciência torna-se indispensável na medida em que o programa se afirma. A Indeterminação lembra Aquino (cristianismo) que, no seguir Maimônides (judaísmo) e Averrois (islamismo), construiu a super-estrutura que legitimou o desenvolvimento da ciência: especificidades não são captáveis por teoria alguma, proposições gerais não resolvem casos particulares. De Aquino ao realismo, tem-se uma linha para articular a Indeterminação de Senior à literatura filosófica (Grumbach 24).

**Tecnocracia.** O vício ricardiano alimenta uma tendência não democrática talvez crescente: a tecnocracia como versão moderna da teocracia -- perdoem-me os leitores se me sinto na necessidade de afirmar que tecnocrata não é sinônimo de técnico, que "economistas no governo" não significa tecnocracia.

A indeterminação, no minar a postura tecnocrática, é uma grande questão, controvertida e de significado maior. Mantenho muita expectativa na conexão deste estudo com a questão geral do poder dos peritos, e dos peritos no Poder -- veja Haskell (1984) e Price (1965).

**Formação do Economista.** Knight parece acusar os cientistas sociais de terem menor conhecimento do homem e da sociedade do que escritores, filósofos e pensadores religiosos (Silveira 12). Levanto duas hipóteses para estudo, a cegueira científica como exposta em Kuhn (ou a ideologia científica como exposta em Schumpeter), e a incompletude do conhecimento científico como percebida na indeterminação de Senior.

Pode-se muito pesquisar sobre a formação e o trabalho dos economistas, buscando as causas do vício ricardiano e de outros problemas da comunidade. Numa questão ética maior para a academia norte-americana, existem evidências estatisticamente significativas no sentido de que a pós-graduação em economia, pelo menos quando exclusivamente neoclássica (homem econômico), acentua o comportamento interesseiro dos alunos (Frank et al, 1993).

Numa questão pragmática, a chamada Comissão Krueger (1991, pp. 1035-53) buscou analisar a crescente perda, pelos recém-doutorados nos Estados Unidos, do mercado em organizações não acadêmicas e departamentos aplicados, como administração e políticas públicas (mais de 50% dos empregadores). Formada pela Associação Americana de Economistas, a Comissão foi composta por doze professores, dentre eles Arrow, Prêmio Nobel de 72, e Lucas, que veio a ser o laureado de 95.

Reconhecendo como verdadeira a queixa maior dos empregadores, a incapacidade de relacionar teoria e prática, a Comissão chega a chamar os recém-doutorados de “doutos idiotas”. Considerando a divisão de trabalho nos termos da indeterminação, contudo, não há sentido em exigir do economista puro, especializado na transmissão e construção de teorias hipotético-dedutivas, um bom desempenho naqueles mercados. A formação de profissionais e de cientistas aplicados é do campo da economia social, em paralelo com a ciência da engenharia (Silveira 07, 17).

No caso da graduação no Brasil, a Resolução CFE N°11/84 estabelece o currículo mínimo claramente em economia social, como bem o demonstra o Parecer CFE N°375/84 (Mendes 1997). A observação do currículo segundo a perspectiva da indeterminação mostra que não há qualquer perigo do vício ricardiano originar-se nessa formação, quando bem ministrada (Silveira 14, 15).

## CONCLUSÃO

Fiz uma apresentação geral do programa de pesquisa, identificando as grandes linhas em que tende a se desenvolver. Relaciono a seguir o seu estágio atual, em termos de trabalhos realizados e orientados, seguindo-se uma seleção bibliográfica.

## TRABALHOS REALIZADOS

01- *The Public Choice Sediton: Variations on a Theme by Buchanan*. Cambridge: Clare Hall, University of Cambridge, mimeo., 1989. (Em inglês apenas.)

Esta monografia foi escrita a caminho de um livro. Circulou entre alguns colegas, em Cambridge e Londres (recebi críticas de Geoffrey Harcourt e de Victoria Chick), e deu origem a dois artigos, "The Public Choice Sediton: The B-Twist" (criticado por Tony Lawson), e "The Public Choice Sediton: The Praise of Folly" (criticado por Herbert Simon).

O objetivo era escrever um terceiro, ainda sobre Escolha Pública, e reuni-los em livro (recebi proposta de publicação neste estágio, da parte de Edward Elgar). Os dois artigos foram revistos, resultando (02) e (03) abaixo, ainda em inglês. Warren J. Samuels propôs-me então reuni-los num artigo, que seria publicado em co-autoria. Nicholas Mercurio estava também envolvido, mas desistiu, e não mais ouvi deles. Depois que voltei ao tema da Escolha Pública com a nota (11), fiz novas versões e as traduções dos artigos, incorporando-os no programa de pesquisa que evoluiu de (04).

02- *"The Public Choice Sediton: Variations on the Theme of Scientific Warfare"*. Cambridge: Clare Hall, University of Cambridge, mimeo. 1990. Rio: *Ensaio Econômico* N°165, da EPGE/FGV, 1990. *Anais do 18º Encontro Nacional de Economia*, Brasília, ANPEC-90, vol. 1, pp. 147-66. Versão em português: *"A Sedição da Escolha Pública: Variações sobre o Tema de Revoluções Científicas"*. *Revista de Economia Política* 15 (jan./mar.1996), pp. 37-56. Reproduzido em *Retórica na Economia*, org. por José Márcio Rego, São Paulo: Editora 34, 1996.

### Sinopse

Dado um significativo elemento de verdade na Teoria da Escolha Pública, um modesto elemento também deve ser encontrado quando se conduz, em abordagem semelhante, um estudo sobre o comportamento de cientistas. Harry Johnson (1971) evidenciou este fato em "A Revolução Keynesiana e a Contra-Revolução Monetarista". Seguindo-o, observei bem mais na própria "Revolução" da Escolha Pública. Suas visões, métodos e hipóteses básicas são analisadas dentro do contexto espacial e temporal em que ocorreu. Este artigo é um complemento à Sociologia do Conhecimento, uma embrionária Economia do Conhecimento.

03- *"The Public Choice Perspective and Knight's Institutional Bent"*. Cambridge: Clare Hall, University of Cambridge, mimeo. 1990. Rio: *Ensaio Econômico* N°166, da EPGE/FGV, 1990. Apresentado na 18<sup>th</sup> Conference of the History of Economics Society, University of Maryland, USA, June 15-17/1991, *Abstract Collection*, p. 91. *Anais do 19º Encontro Nacional de Economia*, Curitiba, ANPEC-91, vol. 4, pp. 69-94. Versão em português: *"A Perspectiva da Escolha Pública e a Inclinação Institucionalista de Knight"*. *Revista Brasileira de Economia* 50 (jan./mar. 1996), pp. 111-33.

#### Sinopse

A análise detalhada de pequena amostragem de trabalhos da "Revolução" da Escolha Pública, escritos por seu protagonista principal, Buchanan (1988, 1987,...1965), é bem reveladora. O papel legitimador de Knight é ilusão ou mera retórica; afinidades de Knight com o institucionalismo são, por outro lado, estabelecidas. Suposições e motivações básicas compartilhadas com marxistas, assim como infundáveis pontos de contradição, são observados em Buchanan.

As inevitáveis contradições que surgem da complexidade e da parcialidade de teorias são distinguidas daquelas que são mais atribuíveis ao Vício Ricardiano. As linguagens de economistas abstratos, aplicados e profissionais são identificadas e criticamente examinadas.

04- *"The Indetermination of Senior"*. Cambridge: Clare Hall, University of Cambridge, mimeo. 1990. Rio: *Ensaio Econômico N°167, da EPGE/FGV, 1990. Anais do 18º Encontro Nacional de Economia, Brasília, ANPEC-90, vol. 1, pp. 221-38. Versão em português: "A Indeterminação de Senior". Revista de Economia Política 11 (out/dez 1991), pp. 70-88.*

#### Sinopse

Comprometimentos e requisitos de trabalho da economia abstrata, aplicada, e da arte da economia são paralelamente considerados nos campos da matéria inerte e da vida. A economia abstrata é a pura lógica do fenômeno. A economia aplicada positiva pressupõe a abstrata, além de várias outras ciências relevantes. A arte pressupõe a economia aplicada e o conhecimento direto das especificidades que caracterizam a individualidade temporal e espacial do fenômeno.

Trata-se de uma indeterminação que foi claramente formulada por Senior e Mill; sua conexão com o institucionalismo é considerada. O Vício Ricardiano é o hábito de ignorar a Indeterminação; suas causas são analisadas, e sua predominância na economia neoclássica é exemplificada.

05- *Aplicabilidade de Teorias Econômicas: A Indeterminação de Senior*. Projeto de pesquisa, aprovado na seleção do PNPE-1990, IPEA, 30/11/90 (Pré-projeto 30/9/90). Formulado a partir do (04), e tendo um livro como objetivo, tornou-se o embrião de todo o programa de pesquisa.

06- *"Aplicabilidade de Teorias: Micro-Neoclássica e Estratégia Empresarial"*. *Revista de Economia Política 14 (abr/jun 1994), pp. 53-76.* Rio: *Ensaio Econômico N°192, da EPGE/FGV, maio de 1992.*

#### Sinopse

A complementaridade entre as esferas do saber na tricotomia ciência pura, aplicada, e arte da ciência é óbvia, mas encontra-se ofuscada pelo Vício Ricardiano de muitos economistas. Sob esta visão, faz-se um estudo de caso dos trabalhos de H. Igor Ansoff, precursor da teoria de estratégia empresarial.

Partindo da iluminação neoclássica, Ansoff penosamente constatou sua insuficiência. A prática empresarial exige também iluminações que só a política, a sociologia e a psicologia podem proporcionar. Através do entrelaçamento dialógico das ciências sociais, a teoria estratégica então reformulada constitui-se na indispensável passagem para a prática.

Demanda-se racionalidade econômico-social do processo decisório. A teoria aplicada da passagem para a prática da política econômica é cada vez menos ensinada. A lacuna é sugerida pelo estudo, transparecendo uma causa maior para o desprestígio atual do economista, no Brasil e no Mundo.

07- *"Teorias Econômicas: A Meia-Verdade Temporária"*. *Revista Brasileira de Economia 48 (abr/jun 1994), pp. 203-16.* Rio: *Ensaio Econômico N°204, EPGE/FGV, dezembro de 1992. Apresentado no congresso Caos, Acaso e Determinismo nas Ciências, Artes e Filosofia, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 12-3/11/92. Incorpora os ensaios reunidos em "A Indeterminação de Senior: Ensaio Normativos". Rio: Ensaio Econômico N°188, da EPGE/FGV, março de 1992. Versão em inglês: "Pure Economic Theories: The Temporary Half-Truth". Rio: Ensaio Econômico N°244, da EPGE/FGV, junho de 1994. Apresentado na Sixth Annual International Conference on Socio-Economics (SASE), Hautes Études Commerciales School of Management, Paris, 15-17/7/94, Abstracts, p. 151.*

#### Sinopse

O tema é a relação da política econômica com a sua ciência, e a conclusão é pelo desenvolvimento de departamentos de economia social que formariam profissionais habilitados para a sua prática (a serviço dos políticos, naturalmente).

Discute-se a indeterminação derivada da incompletude do conhecimento científico, tanto em sua esfera mais abstrata, onde prevalece a lógica dos modelos hipotético-dedutivos, quanto em sua esfera aplicada, com a dialógica das formulações interdisciplinares.

O tratamento é geral, com a discussão de economia e administração em paralelo com física e engenharia, e incorporação de medicina e direito em exemplificações. Na linha socrática da filosofia da ciência, o trabalho chega a fazer sentido do provérbio popular, "a teoria na prática é outra".

08- *"The Ricardian Vice and The Indetermination of Senior"*. Rio: *Ensaio Econômico* N°205, da EPGE/FGV, dezembro de 1992. Apresentado na *Fifth Annual International Conference of The Society for Advancement of Socio-Economics (SASE)*, New School for Social Research, New York, 26-8/3/1993. Trata-se de uma revisão e extensão de (04), tendo em conta as críticas e o que foi desenvolvido em (06) e (07).

09- *"Senior, Wagner and Schmoller: Indetermination and Social Policy Conclusions"*. In *Essays on Social Security and Taxation: Gustav von Schmoller and Adolph Wagner Reconsidered*, ed. by Jurgen G. Backhaus. Marburg: Metropolis-Verlag, 1997, pp. 361-86. A primeira versão, *"The Indetermination of Senior (or The Indetermination of Wagner) and Schmoller as a Social Economist"*, foi apresentada na *Conference on Schmoller and Wagner*, Heilbronn, Germany, October 15-18, 1992, circulando ainda como *Ensaio Econômico* N°212, da EPGE/FGV, março de 1993. Versão em português, *"Wagner e Schmoller sob a Luz da Indeterminação de Senior"*. *Estudos Econômicos* 23 (mai/ago 1993), pp. 319-45. *Anais do 21º Encontro Nacional de Economia*, Belo Horizonte, ANPEC-93, vol. 2, pp. 421-38.

Sinopse

Faço aqui uma primeira incursão na história do pensamento econômico alemão. Wagner estava bem consciente da Indeterminação. O Vício dos economistas puros pode ter sido a motivação da luta de Schmoller. A Contenda do Método foi o primeiro grande conflito paradigmático entre economistas puros e sociais.

10- *Estudos sobre a Indeterminação de Senior: Exemplos para a Iniciação Científica*. Objetiva-se completar um livro-coletânea de notas escritas por alunos, e selecionadas a fim de servirem para atrair e orientar novos estudantes. Em andamento, com cinco notas publicadas e duas em circulação restrita; Vol. I: *Ensaio Econômico* N°223, da EPGE/FGV, outubro de 1993; Vol. II: *Ensaio Econômico* N°230, da EPGE/FGV, fevereiro de 1994.

11- *"O Economista Maquiavel"*. Em co-autoria com Brena Paula Magno Fernandez. Apresentado no congresso *Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia*, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993. *Ensaio Econômico* N°230, da EPGE/FGV, fevereiro de 1994, pp.33-43. Versão em inglês: *"The Economist Machiavelli"*. Apresentado na *Sixth Annual International Conference on Socio-Economics (SASE)*, Hautes Études Commerciales School of Management, Paris, 15-17/7/94, *Abstracts*, pp. 50-51.

Sinopse

A importância do cientista para a história do pensamento é uma variável datada. A Sedição da Escolha Pública, liderada por Buchanan, reforça a posição de Maquiavel entre os grandes que conduziram a fase pré-histórica da ciência econômica.

Maquiavel foi chamado de "pai ancestral" por Buchanan, o que nos levou a realizar um confronto entre os trabalhos de ambos. Analisamos duas grandes questões: a percepção e o modelo do ser humano, e o poder e a concepção do governo. Em termos do Vício Ricardiano e da relacionada Indeterminação de Senior, consideramos a divisão de trabalho entre ciência e sua arte, e as categorias em que se ajustam os escritos de ambos.

12- *"Ser-E-Não-Ser"*. Discurso de paraninfo da "Turma Lucas Lopes", formandos do segundo semestre de 1993, da Faculdade de Economia e Administração da UFRJ, pronunciado em 21 de maio de 1994.

Numa abordagem lúdica, procura-se introduzir o leigo à indeterminação, articulando-a com temas de Sócrates, Dostoiévski e de uma classe de precursores da ciência econômica, os doutos escolásticos. Parte-se da hipótese de Knight sobre o maior conhecimento do ser humano e da sociedade nos filósofos, escritores e teólogos, quando comparados aos cientistas sociais.

13- *A Indeterminação de Senior*. Projeto de pesquisa, submetido ao CNPq em fevereiro de 1995 (bolsa de 2 anos) e, com ligeiras mudanças, ao DAAD em junho de 1995 (bolsa de 3 meses em Stuttgart, Alemanha). Aprovado por ambos, mas suspenso, em virtude de minha eleição para a Secretaria Executiva da ANPEC.

14- *"A Indeterminação de Senior e o Currículo Mínimo de Economia"*. *Revista de Economia Política* (porvindouro). *Ensaio Econômico* N°308, da EPGE/FGV, julho de 1997, pp. 1-30. A versão embrionária,



*"Por uma Ciência Econômica Filosoficamente Informada: A Indeterminação de Senior", foi apresentada no II Encontro dos Economistas de Língua Portuguesa, Anais do II EELP, vol. I, pp. 9-25, IEI/UFRJ, 12-15/9/95. Ensaio Econômico N°271, da EPGE/FGV, outubro de 1995, pp. 1-19.*

#### Sinopse

Expõe-se um programa de pesquisa sobre a natureza incompleta do conhecimento científico, estendendo-o para análise do currículo mínimo de economia no Brasil, e a conseqüente formulação de propostas de mudança. Considerando os diferentes níveis de abstração na tricotomia ciência pura, aplicada e arte da ciência, observa-se que o currículo mínimo prescreve formação apropriada para a economia social ou aplicada. Especula-se sobre a conveniência de estendê-lo por dois anos, um para reforço da economia pura no ciclo básico, outro para a arte da economia no profissionalizante. Considera-se ainda uma especialização em economia pura, voltada apenas para ensino e pesquisa.

15- *"O Espírito da Resolução 84". Em O Ensino de Economia: Questões Teóricas e Empíricas. Rio de Janeiro: CORECON/RJ - IERJ - SINDECON, 1996. Apresentado no I Simpósio do Ensino de Economia, realizado pelas mesmas instituições, Rio de Janeiro, 28-30/8/96.*

#### Sinopse

Desenvolve-se a análise do currículo mínimo de economia conduzida em Silveira (13), numa abordagem informal, o que permite estender os temas considerados, incluindo o comportamento diretamente observado de radicais da correnteza ("mainstream") no país. Faz-se uma elaboração sobre o espírito da Resolução CFE N°11/84, a partir do Parecer CFE N°375/84 (Mendes 1997).

16- *"Para Onde Vai a Formação do Economista: Hegemonia ou Pluralidade?". Publicado, como testemunho, em 50 Anos de Ciência Econômica no Brasil, org. por Maria Rita Loureiro. Petrópolis, RJ: Vozes / FIPE-USP, 1997, pp. 283-9. Apresentado no seminário Balanço de Três Décadas de Ciência Econômica no Brasil, FEA/USP, São Paulo, 12/8/96.*

#### Sinopse

Expõe-se em termos informais a incompletude do conhecimento científico, a partir da tricotomia ciência abstrata, aplicada e arte da ciência, mostrando a natureza multiparadigmática da economia e, assim, a impropriedade de uma escola de pensamento única. Faz-se um contraste entre a postura hegemônica dos neoclássicos e a passada hegemonia da escola histórica, período este em que os primeiros revolucionários neoclássicos sofreram o que seus seguidores tentam hoje infringir aos que se lhes opõem. Especula-se sobre o "imperialismo econômico" como canto de cisne da escola neoclássica, e sobre as especificidades do caso brasileiro.

17- *"Avaliação do Desempenho Acadêmico: Globalização e Trópico". Revista de Ciência e Tecnologia 2 (N°1, 1998), pp. 148-62 (RECITEC <http://www.fundaj.gov.br>). Texto para Discussão N°397, do PIMES/UFPE, setembro de 1997, pp. 1-11. Apresentado no Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, núcleo temático "Trópico e Globalização", 17/6/97, e em Aulas Inaugurais no PIMES/UFPE, Recife, 10/3/97 e no Mestrado em Economia / UFF, 15/8/97.*

#### Sinopse

Expõe-se um programa de pesquisa sobre a natureza indeterminada do conhecimento científico, estendendo-o para análise da avaliação do desempenho acadêmico no país, e a conseqüente formulação de propostas de mudança. Considerando os diferentes níveis de abstração na tricotomia ciência pura, aplicada e arte da ciência, observa-se que a avaliação tem pressuposto a primeira apenas, constituindo-se, no mínimo, em exemplo de vício ricardiano. Sendo mais um transplante acrítico de ocorrências nos USA, onde a flexibilidade permite passagens da economia aplicada e de sua arte para outros departamentos, o sistema de avaliação está prejudicando a universidade e o país, particularmente nas regiões mais pobres.

### TRABALHOS ORIENTADOS

01- Lopes, Carlos F. L. R. *"Mises e o Vício Ricardiano". Revista Brasileira de Economia 48 (abr/jun 1994), pp. 231-4. Rio: Ensaio Econômico N°223, da EPGE/FGV, outubro de 1993, pp. 17-21. Derivado de Mises e a Indeterminação de Senior. Rio: FEA/UFRJ, Monografia de Graduação, janeiro de 1992.*

02- Fuks, Maurício. *"O Paradigma Entrópico na Economia: Incerteza Relativa aos Recursos Naturais". Revista Brasileira de Economia 48 (abr/jun 1994), pp. 223-9. Apresentado no congresso Caos, Acaso e Determinismo nas Ciências, Artes e Filosofia, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 12-13/11/1992. Derivado de Considerações Preliminares sobre a Introdução do Conceito de Entropia na Ciência Econômica. Rio: EPGE/FGV, Tese de Mestrado, fevereiro de 1992.*

03- Monteiro, Marcos Bustamante. *"Marshall e a Indeterminação de Senior". Apresentado no congresso Caos, Acaso e Determinismo nas Ciências, Artes e Filosofia, Câmara de Estudos Avançados do*

- Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 12-13/11/1992. Rio: Ensaio Econômico N°223, da EPGE/FGV, outubro de 1993, pp. 33-40.
- 04- Barbosa, Nelson, Fábio N. P. Freitas, Carlos F. T. R. Lopes e Matias Vernengo. "Indeterminismo e a Metodologia da Economia Positiva". *Revista Brasileira de Economia* 48 (abr/junho 1994), pp. 217-22. Apresentado no Congresso **Caos, Acaso e Determinismo nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 12-13/11/1992. Rio: Ensaio Econômico N°223, da EPGE/FGV, outubro de 1993, pp. 27-32.
  - 05- Fernandez, Brena Paula Magno. **Maquiavel e o Vício Ricardiano**. Rio: EPGE/FGV, Pesquisa em Bolsa de Aperfeiçoamento do CNPq, mimeo, agosto de 1993.
  - 06- Vernengo, Matias. "Keynes e o Vício Ricardiano". *Revista de Economia Política* 14 (jul/set 1994), pp. 129-33. Rio: Ensaio Econômico N°223, da EPGE/FGV, outubro de 1993, pp. 22-6.
  - 07- Grumbach, Sérgio. **Weber e a Indeterminação de Senior**. Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993. Rio: Ensaio Econômico N°230, da EPGE/FGV, fevereiro de 1994, pp. 23-7. Desenvolvido em *Críticas ao Cientificismo*. Rio: FEA/UFRJ, Monografia de Graduação, março de 1994.
  - 08- Garcia Duarte, Maria Tereza. "Teoria Evolucionária e Estratégia Empresarial segundo a Indeterminação de Senior". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993. Rio: Ensaio Econômico N°230, da EPGE/FGV, fevereiro de 1994, pp. 28-32.
  - 09- Muls, Leonardo Marco. "O Vício Ricardiano no Debate sobre o Processo de Trabalho". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993. Versão aperfeiçoada em *II Encontro dos Economistas de Língua Portuguesa, Anais do II EELP*, vol. I, pp. 26-34, IEI/UFRJ, 12-15/9/95.
  - 10- Barbosa, Marcelo Celani, e Oliveira, Edécio de. "A Determinação de Hayek". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993.
  - 11- Vernengo, Matias. "A Macro como Disciplina Autônoma". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993.
  - 12- Freitas, Fábio e Lopes, Carlos F. L. R. "Fragilidade Financeira e Instabilidade Estrutural". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993.
  - 13- Datz, Marcelo. "O Vício Ricardiano em Gary Becker". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993.
  - 14- Oreiro, José Luiz. "Determinismo, Ordem e Ciclo Econômico em Shackle". Apresentado no congresso **Caos, Acaso e Causalidade nas Ciências, Artes e Filosofia**, Câmara de Estudos Avançados do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Rio de Janeiro, 24-26/11/1993.
  - 15- Mello, Carlos M. B. **A Indeterminação de Senior e a Teoria Behaviorista da Decisão**. Rio: FEA/UFRJ, Monografia de Graduação (Bolsa de Iniciação Científica do CNPq), agosto de 1994.
  - 16- Garcia Duarte, Maria Tereza. **Uma abordagem de Desenvolvimento Econômico: Kuznets sob Análise da Indeterminação de Senior**. Rio: IEI/UFRJ, Tese de Mestrado, novembro de 1994.
  - 17- Amaral, Sérgio Luis. **Da Indeterminação de Senior para os Juízos de Valor: Busca das Raízes do Desvio no Pensamento de Cairnes**. Rio: FEA/UFRJ, Monografia de Graduação, janeiro de 1995.
  - 18- Vernengo, Matias. **Método, Moeda e Demanda Efetiva: Algumas Considerações sobre a Posição de Keynes na História do Pensamento Econômico**. Rio: IEI/UFRJ, Tese de Mestrado, março de 1995.
  - 19- Lopes, Carlos Fernando Lagrota Rezende. **O Método em Minsky: Uma abordagem Segundo a Indeterminação de Senior**. Rio: IEI/UFRJ, Tese de Mestrado, novembro de 1995.
  - 20- Orind, Fábio. **Keynes, Incerteza e Indeterminação de Senior**. Rio: FEA/UFRJ, Monografia de Graduação, novembro de 1995.
  - 21- Ramos, Eduardo Augusto de Andrade. **A Revolução em Finanças sob uma Perspectiva Metodológica**. Rio: EPGE/FGV, Tese de Mestrado, dezembro de 1995.
  - 22- Araújo Jr., Eurilton Alves. **Ensaio Metodológico sobre Ronald Coase: Teoria da Firma e das Instituições Jurídicas**. Rio: EPGE/FGV, Tese de Mestrado, junho de 1996.
  - 23- Neves, Simone Elisa Barbosa. **John Stuart Mill e a Indeterminação de Senior: A Interdisciplinaridade da Ciência Aplicada e o Campo de Estudo da Economia Social**. Rio: FEA/UFRJ, Monografia de Graduação, setembro de 1996.

- 24- Grumbach, Sérgio. *Filosofia da Ciência e Metodologia Econômica: Um Estudo Crítico*. Rio: IE/UFRJ, Tese de Mestrado, abril de 1997.
- 25- Libânio, Gilberto de Assis. "Uma Nota sobre Lucas e o Vício Ricardiano". *Revista de Economia Política* 17 (out/dez 1997), pp. 140-46.

#### TRABALHO ORIENTADO POR COLEGA

Farias, William Jobim. *Furtado à Luz da Indeterminação de Senior*. Rio: IE/UFRJ, Monografia de Graduação, setembro de 1996. Orientação de Fábio N. P. Freitas.

#### EXEMPLARES PARA CONSULTA DE POTENCIAIS ALUNOS

Faço a seguir uma resenha de notas escritas por alunos, e selecionadas a fim de servirem para atrair e orientar novos estudantes. São exemplares de iniciação científica, a maioria já publicada em revistas acadêmicas, podendo a série eventualmente levar-nos à organização de um livro, como almejado em Silveira (10).

a) Lopes (01) evidencia o Vício Ricardiano em Mises. Na leitura do clássico, **Ação Humana**, percebe-se dois construtos do ser humano, o nominal e o operacional. O primeiro é abrangente, mas inoperante na análise.

O segundo construto é a versão do Homem Econômico que se mostra operacional na análise, cuja abstração é assim caracterizada em nível máximo. Apesar disso, Mises sente-se à vontade para falar da realidade, e derivar inúmeras proposições normativas. Os exemplos citados indicam a dimensão estarrecedora em que se apresenta o Vício Ricardiano em Mises.

b) Vernengo (06) trabalha em lado oposto da questão, evidenciando a inexistência do Vício Ricardiano em Keynes. Procura-se refutar nada menos do que uma acusação do próprio Schumpeter. Na leitura do clássico, **Teoria Geral**, percebe-se dois níveis de abstração teórica, ocorrendo explícita passagem para o nível aplicado quando conclusões políticas estão em pauta.

Vernengo mostra evidências de avançada consciência da Indeterminação de Senior em Keynes, como: a) a cuidadosa qualificação das recomendações de política econômica, tendo em conta as especificidades temporais e espaciais em que são formuladas; b) a admiração maior pelo trabalho abstrato, enquanto restrito a seu domínio; c) o entendimento da economia como ciência moral; d) a preocupação com juízos de valor dos cientistas, os quais enevoam a distinção entre o normativo e o positivo.

c) Barbosa, Freitas, Lopes e Vernengo (04) confrontam a "Metodologia da Economia Positiva", de Friedman, com a Indeterminação de Senior. O clássico da literatura metodológica, que há mais de quatro décadas permanece em debate, e que ainda informa muito da postura filosófica dominante no neoclassicismo, é visto como esquizofrênico quando sob iluminação da Indeterminação de Senior.

Os autores mostram que Friedman reduz a ciência à economia pura. O irrealismo dos postulados é vangloriado -- Samuelson cunhou a expressão Torção-F para a vanglória. O objetivo da ciência é reduzido a previsões sobre o mundo real. As conclusões normativas dependem adicionalmente apenas de gostos e de juízos de valor.

Tem-se uma ciência abstrata (economia pura), como a física, com atribuições de ciência aplicada (economia social), como as ciências da engenharia: Esquizofrenia-F seria o cunho, caso os autores acompanhassem Samuelson.

d) Libânio (25) procura trazer o debate para uma das atuais fronteiras da teoria pura, evidenciando o Vício Ricardiano em Lucas. Considera os fundamentos de que partem os novos clássicos, e observa o reconhecimento do laureado-Nobel de 1995 quanto ao elevado nível de abstração teórica em que trabalha.

Apesar disso, Lucas consegue derivar uma série bem definida de prescrições para a política econômica, justificando-se com nada mais do que a metodologia dos anos cinquenta de Friedman, lá de trás mesmo! A análise é enriquecida com a postura de Hahn, condenando proposições normativas a partir de Arrow-Debreu, e com uma chamada contra a tecnocracia.

e) Monteiro (03) toma o clássico marshalliano, *Principles of Economics*, buscando evidenciar quão perto esteve Marshall da formulação da Indeterminação de Senior, no mais simples dos trabalhos aqui revistos. Existe ainda o propósito de indicar a motivação social do grande economista.

Lê-se na seleção de citações que Marshall reconhece até certo ponto a legitimidade da economia pura, com a busca do conhecimento pelo conhecimento. As qualificações podem ser relacionadas a seu tempo, à Contenda do Método em particular.

Sua preocupação com o Vício Ricardiano é evidente, faltando-lhe lamentavelmente um nome para a prática -- ao citar Ricardo como caso limite na extensão das cadeias de raciocínio, deixa entrever que poderia não questionar a denominação dada por Schumpeter.

As limitações do construto Homem Econômico frente à sua contrapartida real são afirmadas e reafirmadas enfaticamente. O caráter tendencial das leis econômicas recebe tratamento similar. A consciência do efeito das especificidades temporais e espaciais em ocorrências do fenômeno econômico manifesta-se com clareza.

Vê-se a proximidade do entendimento da economia social, mas a não individualização dela, e nem mesmo da economia aplicada; ambas estão mescladas com a arte da economia. Vendo o pesquisador em sua época e lugar, não há como pedir mais.

f) Grumbach (07) sintetiza a posição metodológica de Weber, no que tem de relevante para a Indeterminação de Senior. Weber formula os "tipos ideais" como simplificações da realidade, necessárias para atender ao princípio da contradição da lógica, e permitir assim o desenvolvimento de teorias puras. Margenau (1966) segue Weber, usando para tipos ideais a denominação mais comum de construtos.

A complexidade do real permite a formulação de tipos ideais distintos para a análise do mesmo fenômeno, inclusive quando o objetivo analítico é o mesmo. A ideologia dos pesquisadores determina o que é visto como importante na realidade, e assim o que dela é mantido nos tipos ideais; outros aspectos sistemáticos são abstraídos.

Teorias puras são assim parciais, e contaminadas *ab ovo* por ideologias. Observa-se que Schumpeter (1949) segue Weber, e que a questão é diferente e mais profunda do que o problema dos juízos de valor que, conscientemente ou não, informam a derivação de proposições normativas a partir de teorias.

Grumbach enfatiza repetidamente a incompletitude das teorias puras. Sua síntese de Weber mostra uma posição metodológica não apenas compatível com a Indeterminação de Senior, mas talvez a mais consistente e enfática fundamentação dela.

g) Garcia Duarte (08) apresenta uma análise estática comparada entre a teoria evolucionária de Nelson e Winter e a abordagem da estratégia empresarial de Rumelt, Shedell e Teece. A Indeterminação de Senior revela tensões e contradições internas e paralelas, completando e estendendo o que se percebeu na análise da evolução de Ansoff (Silveira 06).

Aspira-se o desenvolvimento de uma teoria pura para o fenômeno da estratégia empresarial, mas uma teoria que mantenha suficiente aderência com a realidade e permita, inclusive, predições mais acuradas! Critica-se a teoria ortodoxa pelas abstrações que a tornam incompatível com a realidade, querendo-se, na teoria pura, a generalização empírica do observado em incontáveis estudos de caso.

Observa-se, pelo relato de Garcia Duarte, mais do que conflito paradigmático entre cientistas abstratos e aplicados. Rejeita-se o entendimento da estratégia como economia aplicada. Há aqui um problema que me levou a priorizar a terminologia economia pura (em substituição a abstrata) e economia social, distinguindo entre a última e o que se entende usualmente por economia aplicada.

Reservo para economia aplicada apenas a reunião de seus campos mais especializados e mais próximos da realidade, reconhecendo que é matéria que se localiza no interior da disciplina. Defino economia social, ou sócio-economia, como ciência aplicada interdisciplinar que ilumina fenômenos econômicos, em tudo que têm de geral e necessário (Silveira 09).

O fenômeno da estratégia empresarial e da inovação tecnológica é obviamente do domínio da economia social -- nome usado por Wagner (1886) -- ou da sócio-economia -- nome usado pelos que se ligam hoje à SASE (Society for the Advancement of Socio-Economics). Fora da interdisciplinaridade, conclusões normativas são usualmente exemplares extremos do Vício Ricardiano.

**SEMINÁRIO DE PESQUISA (SP), MESA-REDONDA (MR), PALESTRA (P).** Os trabalhos realizados foram apresentados nos congressos citados acima, e usados em inúmeros eventos, como os listados abaixo.

**EPGE / FGV**, 6/11/97, (SP). Mestrado em Economia / **UFF**, 15/8 /97, (Aula Inaugural). Seminário de Tropicologia / **Fundação Joaquim Nabuco**, 17/6/97, (P). Programa de Pós-Graduação em Economia / **UFES**, 22/5/97, (P). **PIMES / UFPE**, Recife, 10/3/97, (Aula Inaugural). **CONECO / BENNET**, Rio, 31/10/96, (MR). **NAEA / UFPA**, Belém, 22/10/96, (SP). **CAEN / UFCE**, Fortaleza, abr/96, (P). **UFPB / João Pessoa**, abr/96, (SP). **PIMES / UFPE**, Recife, abr/96, (P). **EAESP / FGV**, São Paulo, mai/95, (P). **EAESP / FGV**, São Paulo, abr/95, (SP), (P). **EPGE / FGV**, Rio, out/94, (SP). **CEPEAD / UFMG**, Belo Horizonte, mai/94, (P). **EPGE / FGV**, Rio, mar/93, (SP). **USU** (Univ. Santa Úrsula), Rio, mar/92, (MR). **EPGE / FGV**, Rio, mar/92, (SP). **FÓRUM / UFRJ**, Rio, out/91, (SP). **EAESP / FGV**, São Paulo, mar/91, (SP). **EPGE / FGV**, Rio, jan/91, (SP). **IPE / USP**, São Paulo, dez/90, (SP). **BENNETT**, Rio, out/90, (P). **ILAS / University of London**, Londres, jun/90, (SP).

## ANTECEDENTES

Parece-me apropriado revisar alguns dos problemas e soluções que me levaram à Indeterminação de Senior, complementando o já dito, e listando os trabalhos em que desenvolvi o programa antes de sua conexão com a história do pensamento econômico da Inglaterra.

Primeiro, apropriado porque devo reconhecer em meu próprio trabalho que a história importa. Como defende Simon (1968, p. 458), ao contrário de Popper, a forma em que o conhecimento é desenvolvido diz muito sobre sua plausibilidade.

Segundo, porque, concordando agora com Popper (1978, pp. 13-5), problemas e soluções temporárias constituem-se em método de geração do conhecimento. Há uma terceira razão, bem expressa nas palavras de Myrdal (1969, p. 6) e certamente mais importante, por mais que se discorde dele:

*Estes pensamentos não são universalmente aceitos. Pelo contrário, a metodologia da ciência social é, em grande parte, metafísica e pseudo-objetiva. Pode não ser assim inteiramente fora de ordem -- e indevidamente auto-centrado -- esquematizar a rota que o pesquisador individualmente seguiu para alcançá-los.*

Um problema inicial foi a sensação do nada saber, que me incomodou ao término de três cursos, Engenharia (1963), Administração (MS/1968) e Economia (PhD/1971). Estudei com afinco em boas escolas. Logo, a sensação era um problema, cuja solução só me ocorreu ao lembrar-me dele quando tive que escrever um memorial em 1992. Boas escolas lecionam boas teorias, deixando de fora as especificidades; sem estas, a sensação tende a ocorrer, a não ser que uma explicação epistemológica seja passada ao estudante.

Como docente de uma escola integrada no campo da matéria inerte, Instituto Tecnológico da Aeronáutica (1964/66, 1971/74), e estudante doutra no campo social, Carnegie-Mellon University (1966/71), tive um mesmo problema: o que faziam juntos os cientistas puros e aplicados, se divergiam tanto? Senti profundamente o conflito paradigmático.

Permitam-me um toque de especificação do caso C-MU: tinha uma admiração enorme pelos professores Allan H. Meltzer (meu orientador), Herbert A. Simon (desenvolvi o hábito de ler seus trabalhos para recuperar-me das requeridas leituras chatas), e H. Igor Ansoff.

Não podia simplesmente aceitar os rótulos desabonadores alternadamente afixados às espécies distintas de pesquisa que faziam -- meus sentimentos já estavam bem expressos por Wagner (1886, pp. 114-5), na sua análise da Contenda do Método, quando os mesmos rótulos eram também utilizados (Schumpeter 1986, pp. 814-5)! Quando finalmente vim a ler Kuhn (1971), fi-lo sofregamente na expectativa de superar a solução precária a que havia chegado (ocorreu lá pelo final dos 1970s).

Um esforço havia contribuído para aquela solução temporária. Foi uma análise, que empreendi a pedido do então Reitor do ITA, do primeiro Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT) – veja, na listagem abaixo, (Silveira 1974). Percebi que o plano estava voltado para a arte, no pouco que tinha de ciência aplicada, e que de ciência pura nada continha. Depois de outras considerações, conclui que era prejudicial para as universidades, apesar de apresentá-las como primeiras beneficiadas.

Ao criticar o PBDCT, já me encontrava avançado no estudo de Toynbee (1962), o qual, apesar de inacabado, mudou significativamente minha visão de mundo. Meu objetivo era modesto. Buscava tornar-me historicamente bem informado, esforço retomado apenas 1989, com Toynbee (1976).

Minha tese de doutoramento foi um trabalho econométrico sobre a inflação no Brasil. Ocorreu que, em 1973, os índices de custo de vida foram ostensivamente falsificados. Do ponto de vista acadêmico, o problema era a compreensão da natureza dos dados econômicos, solução só conseguida com a leitura de Morgenstern (1963), no final dos 1970s (Silveira 1984a/b).

Antes disto, voltei-me para a pesquisa teórica. Entendia como falta de integridade intelectual continuar no trabalho econométrico, quando só podia partir de dados possivelmente falsificados, em extensão desconhecida. A observação de economistas no governo criou-me outro problema, dado que não agiam de acordo com as teorias que diziam professar. O problema acentuou-se quando também assumi a arte da ciência, como consultor no setor privado.

A solução foi se me afigurando como pequenez da ciência econômica. Caracterizava-se como tal, temporária mas nitidamente, nas ocasiões em que mais me valiam os poucos conhecimentos de administração e de história. Buscava a solução na filosofia da ciência, quando li Georgescu-Roegen (1967).

Voltei-me para a filosofia econômica, ao invés de abandonar a economia -- estava começando a associá-la com charlatanismo, e era-me difícil continuar a vê-la como ciência. Depois de Georgescu, consegui um esquema de solução na forma da Indeterminação de Senior (Silveira, 1984 a 1988).

Georgescu introduziu-me a Heisenberg (1963) e Knight (1936, 1960). Mas foi com a leitura de Schumpeter (1986), que me introduziu a Mill (1877) e Senior (1938), que senti meu trabalho devidamente vinculado à literatura econômica. Faltava-me ainda segurança na definição de economia social como entrelaçamento de teorias econômicas com outras ciências sociais, tendo o que se entende normalmente por economia aplicada como caso particular. Faltava-me assimilar a economia pura como bem de capital para a construção da economia social.

Foi um longo processo de revolução científica, apesar de seu caráter individual. As anomalias foram constatadas na prática, particularmente no seguimento do estado da economia e da política econômica. Mas não passei de minha posição neoclássico-monetarista para outra escola de pensamento, como costuma acontecer ao final de tais processos. Passei à crítica de todas as escolas e, mais tarde, à aceitação de todas, mas como meias-verdades temporárias.

Foi, em última instância, a necessidade de compreensão da política econômica, particularmente a de curto prazo, que me levou à filosofia econômica. A Indeterminação de Senior emergiu como solução para um problema na arte da economia. Penso assim que trago um testemunho para a importância prática do conhecimento de metodologia e de história do pensamento. Segue-se a lista de trabalhos que registram esta evolução.

*"A Universidade e o Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: Crítica". **Ciência e Cultura** 26 (mar. /1974), pp. 249-51.*

*"Brasil 77: Variações sobre a Conjuntura Econômica". Em **Debate Econômico** 1, maio 1978, pp. 3-6. Reproduzido em **Debate Econômico**. Organizado por Antonio M. Silveira. Rio de Janeiro: Edições Multiplic, 1981.*

*"Magistério, Moral e Política Econômica". Discurso de paraninfo do IX Curso de Especialização em Administração (CEA IX) da Fundação João Pinheiro, em 15/12/1978. Reproduzido em **Moeda e Redistribuição de Renda**. Organizado por Antonio M. Silveira. Rio de Janeiro; Edições Multiplic, 1981.*

*"Racionalidade e Pedra Fundamental: Variações sobre a Tese de E. Coelho". Anais da 4ª Reunião Nacional da ANPAD, Natal, mar. 1980, pp. 249-58.*

- "Simon e o Satisfaziamento". *Literatura Econômica* 5 (set./out. 1983), pp. 587-606.
- "Indexação e Ambiência Geral de Negócios". Rio de Janeiro: *Ensaio Econômico* Nº42, da EPGE/FGV, maio de 1984.
- Filosofia e Política Econômica.** Projeto de pesquisa, aprovado na seleção do PNPE-1984, IPEA, agosto de 1984, teve como embrião uma pesquisa realizada em 1983, e divulgada no ensaio de maio de 1984, listado acima. Resultou no livro **Filosofia e Política Econômica: O Brasil do Autoritarismo**, Rio de Janeiro: IPEA, 1987, 1992. Completado e entregue ao IPEA/INPES em novembro de 1985, circulou em publicações parciais como "Inflação e Indexação: O Conflito Redistributivo", Rio de Janeiro, EPGE, fevereiro de 1985 (Relatório de Pesquisa para o PNPE), e "Limitações da Economia e dos Economistas: O Brasil do Autoritarismo", Ensaio Nº1 do CMA, Belo Horizonte, FACE/UFMG, agosto de 1985, além dos dois artigos relacionados abaixo.
- "A Indeterminação de Morgenstern". *Revista Brasileira de Economia* 38 (out./dez. 1984), pp. 357-83.
- Anais do XII Encontro Nacional de Economia**, São Paulo, ANPEC-1984, vol. 1, pp. 388-418, em sua primeira versão, "Natureza dos Dados Econômicos: Ad Usum Delphini".
- "Interpretação Econômica, Inflação e Indexação". Em **Questões de Método na Ciência Econômica**. Organizado por Ana Maria A. F. Bianchi. São Paulo; IPE/USP, 1986. *Ensaio Econômico* Nº61, Rio de Janeiro, EPGE/FGV, maio 1985.
- "Os Dados Econômicos e a Nova República". *Análise e Conjuntura* (set./dez. 1986), pp.157-63.
- "Assessoria Econômica para a Estratégia de Governos Estaduais: Elaboraões sobre uma Estrutura Aberta". Em **Diagnóstico Macroeconômico e Outros Ensaio**, Organizado por Antonio M. Silveira. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1986. **Anais do XIV Encontro Nacional de Economia**, Brasília, ANPEC-1986, vol. 1, pp. 395-411.
- "Keynes na Sedição da Escolha Pública". *Análise Econômica* 6 (nov. 1987 / mar. 1988), pp. 23-37. Apresentado no encontro "Keynes em Debate", Porto Alegre, IEPE/UFRS, 27-8/8/97.
- "Modelos do Homem: Economia e Administração". Em **Administração Contemporânea: Algumas Reflexões**. Organizado por Abigail O. Carvalho. Belo Horizonte; Editora da UFMG, 1988.
- TRABALHO ORIENTADO: Mello, Valdir Ramalho de. 1990. **O Realismo dos Pressupostos em Economia**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, Série Teses de Doutorado Nº18 [EPGE, abril de 1985].

### BIBLIOGRAFIA SELECIONADA<sup>3</sup>

- Alchian, Armen A. 1950. "Uncertainty, Evolution and Economic Theory". *Journal of Political Economy* LVIII (June): 211-21 [EM: EPGE II: 249-65, ago. 1982].
- Ansoff, H. Igor. 1965/1987. **Corporate Strategy**. New York: McGraw-Hill. New ed., Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books.
- , 1979. **Strategic Management**. London: Macmillan.
- Baranzini, Mauro and Scazzieri, Roberto. 1986. "Knowledge in Economics: a Framework". In **Foundations of Economics: Structures of Inquiry in Economic Theory**, ed. by Mauro Baranzini and Roberto Scazzieri. New York: Basil Blackwell.
- Becker, Gary S. 1962. "Irrational Behavior and Economic Theory". *Journal of Political Economy* LXX (February): 1-13 [EM: EPGE II: 267-87, ago. 1982].
- Bianchi, Ana Maria. 1988. **A Pré-História da Economia: De Maquiavel a Adam Smith**. São Paulo: Hucitec.
- Blaug, Mark. 1981. **The Methodology of Economics: or How Economists Explain**. Cambridge: Cambridge University Press.
- , 1985. **Great Economists since Keynes**. Brighton, Sussex: Harvester Press.
- Brunner, K. 1970. "Knowledge, Values and the Choice of Economic Organization". *Kyklos* XXIII (Fasc. 3): 558-79 [EM: EPGE II: 1-21, out. 1981].
- , 1978. "Reflections on the Political Economy of Government: the Persistent Growth of Government". *Schweizerische Zeitschrift für Volkswirtschaft und Statistik* (Heft 3): 649-80 [EM: EPGE II: 45-86, out. 1981].
- e Meckling, W. H. 1977. "The Perception of Man and the Conception of Government". *Journal of Money, Credit and Banking* LX (February): 70-85 [EM: EPGE II: 23-44, out. 1981].
- Buchanan, James M. 1985. **Liberty, Market and the State: Political Economy in the 1980s**. Washington Square, NY: New York Univ. Press.
- , 1987. "The Constitution of Economic Policy". In **Les Prix Nobel en 1986**. Stockholm: Nobel Foundation.

<sup>3</sup> Algumas obras dentre as citadas, que foram traduzidas e publicadas quando editei a revista *Edições Múltiplas: Uma Colaboração para a EPGE*, aparecem seguidas da sigla EM: EPGE, com as especificações devidas. O mesmo para a *Revista Brasileira de Economia* (RBE).

- 1988. "The Economic Theory of Politics Reborn". *Challenge* 31 (March/April): 4-10.
- and Tollison, Robert D. 1986. "A Theory of Truth in Autobiography". *Kyklos* 39 (Fasc. 4): 507-17.
- and Tullock, Gordon. 1965. *The Calculus of Consent: Logical Foundations of Constitutional Democracy*. Michigan: Univ. of Michigan Press.
- Caldwell, Bruce. 1985. *Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century*. London: George Allen & Unwin.
- and Coats, A. W. 1984. "The Rhetoric of Economists: A Comment on McCloskey". *Journal of Economic Literature* XXII (June): 575-8.
- Carabelli, Anna. 1988. *On Keynes Method*. London: Macmillan.
- Castro, Cláudio de Moura. 1977. *A Prática da Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Coase, Ronald H. 1992. "The Institutional Structure of Production". In *Les Prix Nobel en 1991*. Stockholm: Nobel Foundation.
- Coats, A. W. 1981. *Economists in Government: an International Comparative Study*. Durham, NC: Duke University Press.
- Colander, David and Coats, A. W., editors. 1989. *The Spread of Economic Ideas*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Comim, Flavio V. 1993. *Probabilidade e Conduta Racioanal em Keynes*. São Paulo: USP, Dep. Economia, mimeo.
- Dasgupta, A. K. 1987. *Epochs of Economic Theory*. New York: Basil Blackwell.
- Deane, Phyllis. 1983. "The Scope and Method of Economic Theory". *Economic Journal* 95 (December): 909-27.
- Debreu, Gerard. 1984. "Discours des Laureats". In *Les Prix Nobel en 1983*. Stockholm: Nobel Foundation.
- 1991. "The Mathematization of Economic Theory". *American Economic Review* 81 (March): 1-7.
- Feyerabend, Paul K. 1970. *Against Method*. Minnesota Studies in the Philosophy of Science, 4.
- Frank, Robert H. et al. 1993. "Does Studying Economics Inhibit Cooperation?". *Journal of Economic Perspectives* 7 (Spring): 159-71.
- Frey, B. S. et al. 1984. "Consensus and Dissension among Economist: An Empirical Inquiry". *American Economic Review* 74 (December): 986-94.
- Friedman, Milton. 1953. "The Methodology of Positive Economics". In *Essays in Positive Economics*. Chicago: Univ. of Chicago Press [EM: EPGE I: 163-200, fev. 1981].
- Frisch, Ragnar. 1970. "From Utopian Theory to Practical Applications: The Case of Econometrics". In *Les Prix Nobel en 1969*. Stockholm: Nobel Foundation [RBE 39: 109-40, jan./mar. 1985].
- Georgescu-Roegen, Nicholas. 1967. *Analytical Economics*. Cambridge, MA: Harvard University Press [EM: EPGE I: 201-335, jun/ago. 1981].
- 1971. *The Entropy Law and the Economic Process*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 1975. "Energy and Economic Myths". *Southern Economic Journal* 41 (January): 347-81 [EM: EPGE I: 337-89, ago. 1981].
- 1979. "Methods in Economic Science". *Journal of Economic Issues* XIII (June): 317-28 [EM: EPGE I: 115-27, dez. 1980].
- Groenewegen, P. D., ed. 1990. *Alfred Marshall on the Method and History of Economics*. Sydney: Center for the Study of the History of Economic Thought.
- Hahn, Frank. 1984. *Equilibrium and Macroeconomics*. Oxford: Basil Blackwell.
- Harris, Seymour E. 1954. "A Postscript by the Editor". In "Mathematics in Economics: Discussion of Mr. Novick's Article", P. A. Samuelson et al. *Review of Economics and Statistics* XXXVI (November): 382-6 [EM: EPGE I: 106-13, dez. 1980].
- Haskell, Thomas L., ed. 1984. *The Authority of Experts: Studies in History and Theory*. Bloomington: Indiana University Press.
- Hayek, Friedrich A. von. 1973. *Law, Legislation and Liberty, I: Rules and Order*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- 1975. "The Pretense of Knowledge". In *Les Prix Nobel en 1974*. Stockholm: Nobel Foundation. [EM: EPGE II: 183-93, abr. 1982; RBE 37: 513-22, out./dez. 1983].
- 1978. *Law, Legislation and Liberty, II: The Mirage of Social Justice*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- 1981. *Law, Legislation and Liberty, III: The Political Order of a Free People*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- Heer, Friedrich. 1969. *The Medieval World*. London: Weidenfeld & Nicolson [EM: EPGE II: 305-67, out. 1982].
- Hegenberg, Leônidas. 1965. *Introdução à Filosofia da Ciência*. São Paulo: Herder.
- Heilbroner, Robert L. 1986. *The Worldly Philosophers*. New York: Simon & Schuster.



- Heisenberg, Werner. 1963. *Physics and Philosophy*. London: George Allen & Unwin.
- . 1996. *A Parte e o Todo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Hicks, John R. 1976. "Some Questions of Time in Economics". In *Evolution, Welfare, and Time in Economics: Essays in Honor of Georgescu-Roegen*, ed. by A. M. Tang et alii. Lexington, MA: Lexington Books.
- . 1980. "Revolutions in Economics". In *Methods and Appraisal in Economics*, ed. by S. J. Latsis. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Hutchison, T. W. 1981. *The Politics and Philosophy of Economics*. Oxford: Basil Blackell.
- Johnson, Harry G. 1971. "The Keynesian Revolution and the Monetarist Counter-Revolution". *American Economic Review* LXI (May): 145-62 [EM: EPGE I: 145-62, fev. 1981].
- Kantorovich, Leonid V. 1976. "Mathematics in Economics: Achievements, Difficulties, Perspectives". In *Les Prix Nobel en 1975*. Stockholm: Nobel Foundation [RBE 38: 275-84, jul./set. 1984].
- Keynes, John M. 1951. *Essays in Biography*. London: Rupert Hart-Davis.
- . 1984. *Essays in Persuasion*. London: MacMillan / Cambridge University Press.
- Knight, Frank H. 1936. *The Ethics of Competition and Other Essays*. London: Allen & Unwin ["Ethics and the Economic Interpretation", *Quarterly Journal of Economics* XXXV: 454-81, 1922; EM: EPGE I: 3-23, out. 1980. "The Ethics of Competition", *Quarterly Journal of Economics* XXXVI: 579-624, 1923; EM: EPGE II: 87-118, dez. 1981].
- . 1960. *Intelligence and Democratic Action*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press.
- Krueger, Anne O., et al. 1991. "Report of the Commission on Graduate Education in Economics". *Journal of Economic Literature* XXIX (September): 1035-53.
- Kuhn, Thomas S. 1971. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- . 1980. "Logic of Discovery or Psychology of Research". In *Criticism and the Growth of Knowledge*, ed. by Imre Lakatos and Alan Musgrave. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kuznets, Simon. 1961. *Six Lectures on Economic Growth*. New York: Free Press of Glencoe.
- . 1972. "Modern Economic Growth: Findings and Reflections". In *Les Prix Nobel en 1971*. Stockholm: Nobel Foundation [RBE 39: 225-39, abr./jun. 1985].
- Lachmann, L. M. 1973. *Macro-Economic Thinking and the Market Economy: An Essay on the Neglect of the Micro-Foundations and its Consequences*. London: The Institute of Economic Affairs.
- Lakatos, Imre and Musgrave, Alan. 1980. *Criticism and the Groth of Knowledge*. Cambridge University Press.
- Lange, Oskar. 1946-7. "The Scope and Method of Economics". *Review of Economic Studies* XIII: 19-32 [EM: EPGE II: 119-38, dez. 1981].
- Lawson, Tony. 1985. "Uncertainty and Economic Analysis". *Economic Journal* 95 (December): 909-27.
- . 1989. "Abstraction, Tendencies and Stylized Facts: A Realist Approach to Economic Analysis". *Cambridge Journal of Economics* 13: 59-78.
- et al. 1989. "Kaldor's Contribution" to Economics: An Introduction". *Cambridge Journal of Economics* 13: 1-8.
- Leijonhufvud, A. 1973. "Life among the Econ". *Western Economic Journal* (September): 327-37 [EM: EPGE II: 169-81, dez. 1981].
- Machlup, Fritz. 1978. *Methodology of Economics and Other Social Sciences*. New York: Academic Press.
- March, James G. 1978. "Bounded Rationality, Ambiguity and Engineering of Choice". *Bell Journal of Economics* 9 (Autumn): 587-608 [EM: EPGE II: 195-225, abr. 1982].
- and Herbert A. Simon. 1959. *Organizations*. New York: John Wiley & Sons.
- Marcuse, Herbert. 1964. *One Dimensional Man*. Boston: Beacon.
- Margenau, Henry. 1966. "What is a Theory?" In *The Structure of Economic Science*, ed. by S. R. Krupp. Englewood, NY: Prentice-Hall [EM: EPGE II: 289-304, ago. 1982].
- Markowitz, Harry M. 1991. "Foundations of Portfolio Theory". In *Les Prix Nobel en 1990*. Stockholm: Nobel Foundation.
- Masterman, Margaret. 1980. "The Nature of a Paradigm". In *Criticicism and the Growth of Knowledge*, ed. by Imre Lakatos and Alan Musgrave. Cambridge: Cambridge University Press.
- McCloskey, Donald N. 1983. "The Rhetoric of Economics". *Journal of Economic Literature* XXI (June): 481-517.
- Meltzer, Allan H. 1987. "Limits of Short-Run Stabilization Policy". *Economic Inquiry* XXV (January): 1-14.
- Mendes, Armando Dias. 1984. "Novo Currículo Mínimo de Ciências Econômicas: Parecer". *Documenta* 282 (junho): 163-93. Reproduzido em *Revista ANPEC* N°2 (nov. 1997): 203-39.
- Mill, John Stuart. 1877. *Essays on Some Unsettled Questions of Political Economy*. London: Longmans, Green, and Co.

- Miller, Merton H. 1991. "Leverage". In *Les Prix Nobel en 1990*. Stockholm: Nobel Foundation.
- Morgenstern, Oskar. 1963. *On the Accuracy of Economic Observations*. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press.
- Morris-Suzuki, Tessa. 1991. *A History of Japanese Economic Thought*. London: Routledge.
- Myrdal, Gunnar. 1969. *Objectivity in Social Research*. New York: Pantheon.
- Nagel, Ernest. 1963. "Assumptions in Economic Theory". *American Economic Review* LIII (May): 211-19 [EM: EPGE II: 227-36, abr. 1982].
- Neville Keynes, John. 1904. *The Scope and Method of Political Economy*. London: MacMillan.
- Novick, Novick. 1954. "Mathematics: Logic, Quantity, and Method". *Review of Economics and Statistics* XXXVI (November): 357-8 [EM: EPGE I: 61-4, dez. 1980].
- Ohlin, Bertil. 1972. "Speech on the Nobel Laureate". In *Les Prix Nobel en 1971*. Stockholm: Nobel Foundation.
- Pasinetti, Luigi L. 1986. "Theory of Value: a Source of Alternative Paradigms in Economic Analysis". In *Foundations of Economics: Structures of Inquiry in Economic Theory*, ed. by Mauro Baranzzini and Roberto Scazzieri. New York: Basil Blackwell.
- Patinkin, Don. 1969. "The Chicago Tradition, the Quantity Theory, and Friedman". *Journal of Money, Credit and Banking* I (February): 46-70 [EM: EPGE II: 139-67, dez. 1981].
- Popper, Karl R. 1961. *The Logic of Scientific Discovery*. New York: Sciences Editions.
- , 1965. *Conjectures and Refutations*. New York: Basic Books.
- , 1976. *Autobiografia Intelectual*. São Paulo, Cultrix.
- , 1978. *Lógica da Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / Universidade de Brasília.
- , 1980. "Normal Science and its Danger". In *Criticisism and the Growth of Knowledge*, ed. by Imre Lakatos and Alan Musgrave. Cambridge: Cambridge University Press.
- Price, Don K. 1965. *The Scientific State*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Prigogine, Ilya and Stengers, Isabelle. 1991. *A Nova Aliança: Metamorfose da Ciência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Rego, José Márcio, org. 1996. *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34.
- Reid, Jr., Joseph D. 1987. "The Theory of Sharecropping: Occam's Razor and Economic Analysis". *History of Political Economy* 19: 551-69.
- Robinson, Joan. 1972. "The Second Crisis of Economic Theory". *American Economic Review* LXII (May): 1-10.
- , 1983. *Economic Philosophy*. Middlesex, England: Penguin Books.
- Samuels, Warren J. 1989. "The Methodology of Economics and the Case for Policy Diffidence and Restraint". *Review of Social Economy* XLVII (Summer): 113-33.
- Samuelson, Paul A. 1963. "Comments to Prof. Nagel's Article". *American Economic Review*, LIII (May): 231-36 [EM: EPGE II: 240-7, abr. 1982].
- , 1971. "Maximum Principles in Analytical Economics". In *Les Prix Nobel en 1970*. Stockholm: Nobel Foundation [RBE 38: 401-19, out./dez. 1984].
- , Klein, L. R., Duesenberry, J. S., Chipman, J. S., Tinbergen, J., Champernowne, D. G., Solow, R., Dorfman, R., Koopmans, T. C., Harris, S. E. 1954. "Mathematics in Economics: Discussion of Mr. Novick's Article". *Review of Economics and Statistics* XXXVI (November): 359-86 [EM: EPGE I: 65-113, dez. 1980].
- Schumpeter, Joseph A. 1949. "Science and Ideology". *American Economic Review* XXXIX (March): 345-59 [EM: EPGE I: 129-44, fev. 1981].
- , 1959. *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press.
- , 1986. *History of Economic Analysis*. London: Allen & Unwin.
- Senior, Nassau William. 1938. *An Outline of the Theory of Political Economy*. London: Kimble & Bradford.
- Shackle, G. L. S. 1983. *The Years of High Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sharpe, William F. 1991. "Capital Asset Prices with and without Negative Holdings". In *Les Prix Nobel en 1990*. Stockholm: Nobel Foundation.
- Simon, Herbert A. 1947. *Administrative Behavior*. New York, Macmillan.
- , 1955. "A Behavioral Model of Rational Choice". *Quarterly Journal of Economics* 69: 99-118.
- , 1957. *Models of Man*. London: Chapman & Hall.
- , 1963. "Comments to Prof. Nagel's Article". *American Economic Review* LIII (May): 229-31 [EM: EPGE II: 237-9, abr. 1982].
- , 1968. "On Judging the Plausibility of Theories". In *Logic, Method, and Philosophy of Sciences*, ed. by von Rootselaar and Staal. Amsterdam: North Holland.
- , 1979. "Rational Decision Making in Business Organizations". In *Les Prix Nobel en 1978*. Stockholm: Nobel Foundation [EM: EPGE I: 25-60, out. 1980; RBE 38: 111-42, jan./mar. 1984].

- . 1991. *Models of My Life*. U.S.A.: Basic Books.
- Stigler, George F. 1960. "The Influence of Events and Policies in Economic Theory". *American Economic Review* L (May): 36-45.
- . 1983. "The Process and Progress of Economics". In *Les Prix Nobel en 1982*. Stockholm: Nobel Foundation.
- Tinbergen, Jan. 1970. "The Use of Models: Experience and Prospects". In *Les Prix Nobel en 1969*. Stockholm: Nobel Foundation [RBE 37: 375-85, jul./set. 1983].
- Toynbee, Arnold J. 1962. *A Study of History*. New York: Oxford University Press.
- . 1976. *Mankind and Mother Earth*. London: Oxford University Press.
- Wagner, Adolf. 1886. *Systematische Nationaleconomie in the Jahrbucher fur Nationaleconomie und Statistik*. Translated in the *Quarterly Journal of Economics* I: 113-33, "Wagner on the Present State of Political Economy".
- . 1891. "Marshall's *Principles of Economics*". *Quarterly Journal of Economics* V: 319-38.
- Weber, Max. 1949. *The Methodology of the Social Sciences*. Glencoe, IL: Free Press.
- . 1978. *Economy and Society*. Edit. by Roth, Guenther and Wittich, Claus. Berkeley: University of California Press.

## ENSAIOS ECONÔMICOS DA EPGE

302. DESEMPREGO REGIONAL NO BRASIL: UMA ABORDAGEM EMPÍRICA - Carlos Henrique Corseuil, Gustavo Gonzaga e João Victor Issler - Abril 1997 - 40 pág.
303. AS DELIBERAÇÕES SOBRE ATOS DE CONCENTRAÇÃO: O CASO BRASILEIRO - Luiz Guilherme Schymura - Abril 1997 - 20 pág.
304. EFFECTS OF THE REAL PLAN ON THE BRAZILIAN BANKING SYSTEM - Rubens Penha Cysne e Sérgio Gustavo Silveira da Costa - Maio 1997 - 30 pág.
305. INFRA-ESTRUTURA, CRESCIMENTO E A REFORMA DO ESTADO - Armando Castelar Pinheiro - Maio 1997 - 25 pág. (esgotado)
306. PUBLIC DEBT SUSTAINABILITY AND ENDOGENOUS SEIGNORAGE IN BRAZIL: TIME-SERIES EVIDENCE FROM 1947-92 - João Victor Issler e Luiz Renato Lima - Junho de 1997 - 38 pág. (esgotado)
307. THE BRAZILIAN 1994 STABILIZATION PLAN: AN ANALYTICAL VIEW - Eduardo Felipe Ohana - Julho de 1997 - 24 pág.
308. A INDETERMINAÇÃO DE SENIOR E O CURRÍCULO MÍNIMO DE ECONOMIA - Antonio Maria da Silveira - Julho de 1997 - 39 pág.
309. HIPERINFLAÇÃO: IMPOSTO INFLACIONÁRIO E O REGIME DE POLÍTICA ECONÔMICA - Fernando de Holanda Barbosa - Julho de 1997 - 31 pág.
310. TAXA DE CÂMBIO E POUPANÇA: UM ENSAIO SOBRE O EFEITO HARBERGER-LAURSEN-METZLER - Fernando de Holanda Barbosa - Julho de 1997 - 23 pág.
311. A CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA DE MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN - Fernando de Holanda Barbosa - Julho de 1997 - 22 pág. (esgotado)
312. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL SOBRE MERCADOS FINANCEIROS, POLÍTICA MONETÁRIA E POLÍTICA CAMBIAL - Parte I - BALANÇA COMERCIAL E FLUXO DE CAPITAIS - Rubens Penha Cysne (editor) - Agosto de 1997 - 103 pág.
313. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL SOBRE MERCADOS FINANCEIROS, POLÍTICA MONETÁRIA E POLÍTICA CAMBIAL - Parte II - MERCADO DE CAPITAIS - Rubens Penha Cysne (editor) - Agosto de 1997 - 85 pág.
314. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL SOBRE MERCADOS FINANCEIROS, POLÍTICA MONETÁRIA E POLÍTICA CAMBIAL - Parte III - MERCADOS FINANCEIROS E POLÍTICA MONETÁRIA - Rubens Penha Cysne (editor) - Agosto de 1997 - 73 pág.

315. IMPACTO DA INFRA-ESTRUTURA SOBRE O CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE DO SETOR PRIVADO E DO PRODUTO BRASILEIRO - Pedro Cavalcanti Ferreira e Thomas Georges Malliagos - Agosto de 1997 - 34 pág. (esgotado)
316. REFORMA TRIBUTÁRIA NO BRASIL: EFEITOS ALOCATIVOS E IMPACTOS DE BEM-ESTAR - Pedro Cavalcanti Ferreira e Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo - Setembro de 1997 - 40 pág. (esgotado)
317. A CAPM WITH HIGHER MOMENTS: THEORY AND ECONOMETRICS - Gustavo M. de Athayde e Renato G. Flôres Jr. - Outubro de 1997 - 32 pág.
318. MANDATORY PROFIT SHARING, ENTREPRENEURIAL INCENTIVES AND CAPITAL ACCUMULATION - Renato Fragelli Cardoso - Dezembro de 1997 - 43 pág.
319. A NOTE ON GROWTH AND INFLATION - Pedro Cavalcanti Ferreira - Dezembro de 1997 - 11 pág.
320. IMPOSTO INFLACIONÁRIO E OPÇÕES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO EM UM MODELO DE CICLOS REAIS DE NEGÓCIOS PARA O BRASIL - Pedro Cavalcanti Ferreira e João Maurício L. Rosal - Janeiro de 1998 - 33 pág.
321. COMO SE EQUILIBRA O ORÇAMENTO DO GOVERNO NO BRASIL? AUMENTO DE RECEITAS OU CORTE DE GASTOS? - João Victor Issler e Luiz Renato Lima - Março 1998 - 32 pág.
322. INFLATIONARY FINANCING OF PUBLIC INVESTMENT AND ECONOMIC GROWTH - Pedro Cavalcanti Ferreira - Abril 1998 - 31 pág.
323. THE EFFECT OF INFLATION ON GROWTH INVESTMENTS: A NOTE - Clovis de Faro - Abril 1998 - 15 pág.
324. A MISÉRIA DA CRÍTICA HETERODOXA PRIMEIRA PARTE: SOBRE AS CRÍTICAS - Marcos de Barros Lisboa - Maio 1998 - 44 pág.
325. A MISÉRIA DA CRÍTICA HETERODOXA SEGUNDA PARTE: MÉTODO E EQUILÍBRIO NA TRADIÇÃO NEOCLÁSSICA - Marcos de Barros Lisboa - Maio 1998 - 44 pág.
326. CURRENCY ACCOUNTING IN THE CENTRAL BANK BALANCE SHEET - Antonio Carlos Porto Gonçalves - Maio 1998 - 16 pág.
327. A INDETERMINAÇÃO DE SENIOR: UM PROGRAMA DE PESQUISA - Antonio Maria da Silveira - Junho 1998 - 22 pág.



**N.Cham. P/EPGE EE 327**

**Autor: SILVEIRA, Antonio Maria da**

**Título: A indeterminação de senior: um programa de**



**00084137**

**48521**

**FGV - BMHS**

**Nº**

